

APROXIMAÇÕES ENTRE GAIA E DIONÍSIO: OS ESTUDOS TERRITORIAIS E O TEATRO NUMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR

Patrícia Falco Genovez¹

¹Universidade Vale do Rio Doce
Email: patricia.genovez@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-4453-7312>

Gilson Magno de Souza²

²Centro Universitário do Leste de Minas Gerais- Unileste/MG
Email: gilsonrizoma@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-4322-9799>

Resumo

Esse artigo reflete sobre algumas questões que tangenciam o ser humano e sua relação com os espaços na contemporaneidade, principalmente com os espaços não pensados, a princípio, para as práticas teatrais. Propõe-se, por isso, uma aproximação entre os Estudos Territoriais (Território) e as Artes Cênicas (Teatro) a partir de três movimentos. Primeiro, uma breve reflexão sobre a interdisciplinaridade e a fenomenologia como instrumentos para se pensar a imbricação entre Teatro e Território. Segundo, os diálogos pertinentes entre a Geografia Cultural e o Teatro, vislumbrando as múltiplas faces do território, a microterritorialidade/microterritorialização e a relação entre a microterritorialidade e o teatro em espaços alternativos. Terceiro, uma reflexão sobre o fenômeno teatral na Geografia Humanista-cultural. Conclui-se que as encenações em espaços impregnados de significados simbólicos, de historicidade e memória, propiciam uma interferência na percepção do público em relação ao espetáculo uma vez que implica em uma ressignificação dos espaços alternativos e na produção de microterritorialidades na cena urbana, redimensionando transitoriamente os territórios estabelecidos na cidade.

Palavras-chave: Teatro; Estudos Territoriais; Microterritorialidade; Interdisciplinaridade.

GAIA AND DIONYSUS MEETINGS: TERRITORIAL STUDIES AND THEATER IN AN INTERDISCIPLINARY APPROACH

Abstract

This article deals about some issues that get in touch human beings and their relationship with spaces in the contemporary world, especially with spaces not hitherto thought for theatrical practices. Having this in mind, an approach between Territory Studies (Territory) and Performing Arts (Theater) comes up with from three theoretical movements. First, a reflection about interdisciplinarity and the phenomenology tool in order to analyse Theater and Territory. Second, the article presents some dialogical approaches between Cultural Geography and Theater, facing the multiple sides of territory, the microterritoriality/microterritorialization and the relationship microterritoriality and unusual spaces (for theater). Third, some

observations about theatrical phenomenon in Cultural Humanistic Geography makes the last subject. As result, the article infers that the perception of performances in spaces with deep symbolic, historic and memory impregnation receives interference from the quality of these spaces. These happenings involve a redetermination of these unusual spaces and the production of microterritorialities in the urban scenarion and give new dimensions to the already set up urban territories even if transitional.

Key words: Theater; Territory Studies; Microterritoriality; Interdisciplinarity.

RENCONTRES ENTRE GAÏA ET DIONYSOS: ÉTUDES TERRITORIALES ET THÉÂTRE DANS UNE APPROCHE INTERDISCIPLINAIRE

Resumé

Cet article aborde certaines questions qui se rapportent à l'être humain et sa relation avec les espaces de la contemporanéité, en particulier avec les espaces qui n'étaient pas pensés, au début, pour des pratiques théâtrales. L'essai présente un rapprochement entre les études territoriales (territoire) et les arts de la scène (théâtre) à partir de trois mouvements. Premier, une brève réflexion sur l'interdisciplinarité et la phénoménologie en tant qu'outils permettant de réfléchir à l'interaction entre le théâtre et le territoire. Deuxième, les dialogues pertinents entre géographie culturelle et théâtre, examinant les multiples facettes du territoire, microterritorialité/microterritorialisation et le rapport entre microterritorialité et théâtre dans des espaces alternatifs. Troisième, une réflexion sur le phénomène théâtral ayant la géographie humaniste et culturelle comme fond. L'article se termine en déclarant que les scénarios dans des espaces imprégnés de symboles, de événements historiques et de mémoires fournissent une ingénierie dans la perception qu'a le public du spectacle, dans la mesure où il implique une nouvelle détermination des espaces alternatifs et la production de microterritorialités dans la scène urbaine, en redimensionnant les territoires établis dans la ville bien que de mode transitoire.

Mots-clés: Théâtre; Études territoriales; Microterritorialité; Interdisciplinarité.

Introdução

O teatro fascina, encanta, provoca, transgride, faz pensar e agir. É multifacetado. Ele se reinventa nos palcos, nas ruas, nas praças e galpões; é uma arte que se presentifica no tempo, no espaço e se abre para novas possibilidades. Esse artigo nasce do desejo de investigar o fenômeno teatral nos espaços alternativos ou não convencionais e busca investigar sobre a seguinte questão: qual a relação que se estabelece entre a encenação, o espaço e o público a partir da perspectiva da articulação entre as artes cênicas e os estudos territoriais? Tomaremos como hipótese central que as intervenções artísticas teatrais em espaços não convencionais propiciam a conformação ou a produção de microterritórios na cena urbana, alterando o diálogo entre a arte cênica e os lugares, a princípio, não teatrais.

Dessa forma, este artigo busca investigar como as intervenções teatrais nos espaços não projetados para o teatro são redimensionados e ressignificados a fim de compreender as relações sociais e simbólicas que se estabelecem com a materialidade do

lugar e com sua carga semântica. Consideramos que, mesmo o espetáculo assumindo uma natureza temporária e efêmera em vários casos, tais redimensionamentos e ressignificados podem gerar microterritorialidades em espaços alternativos.

Assim, essa pesquisa vincula-se ao debate teórico interdisciplinar dos estudos territoriais e das artes cênicas, tendo como referencial teórico estudos da geografia cultural e humana, mais especificamente a noção de espaço e lugar, em articulação com saberes da geografia, filosofia, história, sociologia, arquitetura e artes cênicas.

A intervenção teatral em espaços não convencionais tem despertado grandes debates e produções acadêmicas nas áreas da Arquitetura e Urbanismo e Artes Cênicas. Essas áreas têm colocado algumas reflexões que tangem ao teatro e à relação com a cidade, a influência da arquitetura no espetáculo e vice-versa, principalmente as novas relações contemporâneas com os espaços não projetados inicialmente para qualquer atividade cênica, o que chamaremos aqui de espaços alternativos.

Falamos de espaço alternativo ou não teatral para nos referir a qualquer espaço que não seja exatamente o palco de uma sala teatral – como o palco italiano; ou seja, um espaço que a princípio não foi pensado ou adaptado para a apresentação de espetáculos. É um espaço no qual o espectador não espera atividade cênica alguma, mas que o artista decide utilizar e experimentar cenicamente.

No início do século XX, diretores de teatro, dramaturgos e encenadores europeus começaram a perceber e experimentar as múltiplas possibilidades que um determinado espaço não convencional pode oferecer às criações artísticas. Um exemplo é Max Reinhardt, produtor e diretor de teatro austríaco, considerado um dos precursores deste século; outro exemplo é Tadeusz Kantor, diretor de teatro polonês, que a partir das experiências em edifícios não teatrais passa a ver o espaço como um dos elementos essenciais e potencializadores à cena.

Entre os grupos teatrais brasileiros que adotaram tal postura, destacam-se, por exemplo: Teatro da Vertigem, Teatro do Concreto, Grupo Galpão, Grupo XIX de Teatro, entre outros. Nesse sentido, o teatro pode ser visto nas ruas, praças, galpões, edifícios e em lugares abandonados. O espaço alternativo passa a ser então um espaço de múltiplas possibilidades para vários grupos teatrais na contemporaneidade. São grupos que proporcionam ao público novas experiências estéticas e poéticas sobre os espaços urbanos na cidade.

Definido o seguimento do teatro como campo de investigação, o grupo paulistano Teatro da Vertigem, referência no teatro contemporâneo brasileiro, será o nosso objeto de referência e nos servirá de exemplo pontual para a discussão proposta. Além de propor uma nova leitura estética e poética dos lugares preestabelecidos, o Teatro da Vertigem dialoga de forma orgânica com a arquitetura do lugar, potencializando memórias e valores simbólicos impregnados nesses espaços sem perder as características primeiras de tais lugares.

Nesse sentido, os três primeiros espetáculos do Teatro da Vertigem, *O Paraíso Perdido*, *O Livro de Jó*, *Apocalipse 1,11*, teve como *site specific*, igrejas, hospitais e presídios. Neste caso, é possível perceber a interação entre os propósitos das peças elaboradas pelo grupo e os aspectos simbólicos e estéticos dos lugares selecionados para as encenações. Netrovski, (2002), afirma que essas três primeiras montagens do grupo são as que mais tem “sintonizado com os temas e procedimentos do teatro contemporâneo e o que mais impacto causa nas plateias nacionais ou estrangeiras” (NESTROVSKI, 2002, p.24).

O Paraíso Perdido, *O livro de Jó* e *Apocalipse 1,11* contemplam a obra literária denominada Trilogia Bíblica, apresentada no ano de 2002 em São Paulo, em comemoração aos dez anos de existência do Teatro da Vertigem. O que levou o Vertigem ser tão original em suas montagens teatrais nos espaços não convencionais? Como ressalta Artur Netrovski (2002, p.16), apresentador e editor do livro *Teatro Vertigem Trilogia Bíblica*, o desafio do grupo era “livrar-se das cargas do artificialismo”.

Dessa maneira, o Teatro da Vertigem, busca desenvolver em seus espetáculos a visceralidade entre o ficcional e o realístico. Em outras palavras, o deslocamento das montagens em espaços alternativos, cumpre também algumas funções de “redobrar o impacto real da encenação e para nos deslocar, realmente até aquele plano em que teatro e teoria se traem um ao outro e nos fazem enxergar, pelas frestas, alguma verdade” (NESTROVSKI, 2002, p.16).

Por isso, tendo em vista o espaço alternativo como espaço aberto à imaginação e à criatividade, onde as relações sociais e humanas estabelecem vínculos de afetividades e de estranhamentos em torno de um espetáculo no espaço vivido, é possível pensar que esses espetáculos alteram a modelagem territorial que identificou originalmente cada um dos espaços. Esse processo de alteração na espacialidade pode ser verificado somente no momento em que ocorre a ação cênica.

Para avançarmos nas argumentações aqui expostas, a estrutura deste artigo foi

organizada da seguinte maneira: primeiro, refletiremos brevemente sobre a interdisciplinaridade e a fenomenologia; segundo, indicaremos as interpretações da realidade a partir do território, da arte e das microterritorialidades e, por fim, discutiremos o fenômeno teatral e sua interação com a Geografia Cultural e Humanista.

Teatro e Estudos Territoriais: imbricações interdisciplinares e fenomenológicas

A interdisciplinaridade estabelecida a partir das Artes Cênicas (Teatro) e os Estudos Territoriais surge neste artigo como meio de superar a particularidade dos conteúdos de cada área, tornando o conhecimento amplo e unitário, e, ao mesmo tempo, propõe a construção de um espaço que privilegia a troca de saberes, mesmo que ainda incipiente, considerando-se a complexidade de tal empreitada. Realçamos que a aplicação da proposta interdisciplinar é tida como recurso na pesquisa dos fenômenos sociais complexos, o que auxilia a compreender de maneira abrangente o fenômeno em estudo.

Tal postura de pesquisa tem se expandido em vários campos do saber, ainda que de forma gradual. De acordo com Fortes (2012), as primeiras discussões sobre a interdisciplinaridade nas Ciências Humanas aparecem por volta da década de 1970 e foram lançadas pelo filósofo e epistemologista francês Georges Gusdorf em 1961 na UNESCO. O filósofo “apresentou um projeto de pesquisa interdisciplinar para as ciências humanas, abrangendo alguns estudiosos de universidades europeias e americanas, em diferentes áreas de conhecimento” (FORTES, 2012, p. 6). A proposta do grupo era indicar as principais tendências de pesquisa nas Ciências Humanas no sentido de sistematizar a metodologia e os enfoques das pesquisas realizadas pelos mesmos.

No Brasil, é com o filósofo Hilton Japiassu que a interdisciplinaridade ganha produções significativas, apresentando questionamentos a respeito da temática e seus conceitos, propondo reflexões sobre estratégias interdisciplinares. Para Hilton Japiassu (1976), “a interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa” (JAPIASSU, 1976, p. 74).

De acordo com Frigotto (2008), a interdisciplinaridade é necessária para o conhecimento da sociedade, pois ela apresenta caráter unitário em decorrência das diversas relações e práticas sociais realizadas pelos homens. Para ele, “a necessidade da interdisciplinaridade na produção do conhecimento funda-se no caráter dialético da realidade social que é, ao mesmo tempo, una e diversa, e também de natureza

intersubjetiva” (FRIGOTTO, 2008, p. 43). Essa subjetividade nos oferece condições de articular a pesquisa em foco a um método qualitativo específico: a fenomenologia.

Na Geografia Humana, um dos métodos utilizados para compreender o mundo sentido, vivido e percebido é a fenomenológica, que busca questionar esses mundos e as teorias concebidas para representá-los. De acordo com o arquiteto e geógrafo David Seamon (2013), “a fenomenologia se esforça para retomar o mundo vivido diretamente e descrever seus aspectos o mais cuidadosamente possível em suas próprias condições” (SEAMON, 2013, p. 5).

Para compreender o espaço vivido, seu significado e valores, construídos por meio das práticas sociais, a fenomenologia tende a considerá-lo a partir da subjetividade, valorizando a intuição e a percepção como elementos importantes no processo de desenvolvimento do conhecimento. Seamon (2013) aponta que a fenomenologia sustenta uma certa indubitabilidade quanto à experiência humana, que se estende para além dos sujeitos, lugares e movimentos. Para ele, a tarefa da fenomenologia é “desenterrar esta indubitabilidade, a qual as pessoas costumam perder de vista por conta da mundanidade e das certezas de suas situações de vida cotidiana.” (SEAMON, 2013, p. 5).

A abordagem fenomenológica não é o foco principal dessa análise sobre os eventos teatrais que ocorrem nos espaços não teatrais, porém, ela tangencia nossa reflexão visto que, nos últimos anos, a ciência geográfica tem buscado novas formas de apreensão e compreensão da realidade. Vejamos, portanto, como essa compreensão se estabelece em diálogo com as artes cênicas e, em especial, com o teatro.

Os diálogos entre a Geografia e o Teatro: interpretações da realidade a partir do Território e da Arte

O impulso e o empenho em relação às questões que envolvem o homem e o espaço aproximou o diálogo da Geografia com a Literatura e as Artes. Na corrente humanística, a arte é considerada como “elemento de mediação entre a vida e o universo das representações” (GOMES, 1996, P. 314). Desse modo, acredita-se que a arte, mais especificamente o teatro, como manifestação constituinte da cultura, tem a possibilidade de propor interpretações da realidade, seja ela social, política ou ideológica, em relação ao meio em que o ser humano está inserido.

O levantamento dessas abordagens traça um caminho que contextualiza elementos da Geografia Humana e Cultural que auxiliem na identificação e

aprofundamento do estudo acerca da reconfiguração e ressignificação de espaços não pensados *a priori* para a encenação. Nesse sentido, é necessário apropriar-se dos estudos da geografia humana, uma vez que o objeto desta pesquisa se insere em seu campo e dialoga com seus conceitos e noções, que compreendem o espaço como lugar e manifestação de sentidos. Devido ao grau de complexidade e subjetividade da abordagem geográfica humanista, propõe-se um leque de possibilidades para tal realização.

De acordo com Olanda e Almeida (2008), a perspectiva humanística avança no sentido de “investigar como as atividades humanas e os fenômenos geográficos podem revelar a qualidade da conscientização humana em relação ao meio em que vive” (OLANDA; ALMEIDA, 2008, p. 8). Nesse caso, essa abordagem se lança a novas perspectivas nos estudos socioespaciais e uma dessas perspectivas é a compreensão da realidade a partir da influência da cultura na produção do espaço, assim como a significação da espacialidade vivida.

Aproximar o fenômeno teatral e os Estudos Territoriais é uma tarefa desafiadora, uma vez que são campos de conhecimento que se abrem a vários desdobramentos complexos, múltiplos e subjetivos. Trata-se, portanto, de um desafio, pois essas questões possibilitam novas leituras interdisciplinares em relação ao homem e sua interação com a realidade socioespacial.

Os acontecimentos que se desdobram entre o homem e sua interferência nos espaços propõem discussões epistemológicas interessantes para a Geografia, podendo despertar interesse em fenômenos que trazem uma implicação direta sobre o conceito de Território.

A abordagem humana/cultural permite leituras desses fenômenos ao tomarmos como referência o Território enquanto um *continuum* entre seu aspecto material e imaterial, assumindo uma perspectiva integradora nos Estudos Territoriais. Esse *continuum*, termo usado por Haesbaert (2004), significa que o território desdobra-se ao longo de um processo que vai da “dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’” (HAESBAERT, 2004, p. 95 e 96).

Na fundamentação do debate teórico interdisciplinar sobre a produção de microterritorialidades na cena teatral urbana nos apoiaremos em alguns autores que têm investido nessa área de conhecimento. Fazem parte da base teórica dessa pesquisa: Paul Claval (2013), Joel Bonnemaison (2002), Yi-Fu Tuan (1974), Anne Buttimer (1982), Turra Neto (2013), Álvaro Luiz Heidrich (2013) e Benhur Pinós da Costa (2013). Os três últimos

investigam os microterritórios, que podem ser compreendidos como ramificações de uma geografia material e não material, convergindo para o assunto em pauta: a intervenção teatral, as ressignificações dos espaços e a carga semântica impregnada em determinados espaços e/ou lugares.

Para compreendermos os desdobramentos que ocorrem do território para o microterritório faremos uma breve explanação dessa transição. Porém, nossa atenção maior será dada à noção de microterritório, uma vez que é o conceito que buscamos analisar nas questões que emergem entre campos de tensão, a saber, a arte (intervenção teatral) e sua expressão em lugares preestabelecidos e institucionalizados.

Do território ao microterritório: uma abordagem conceitual

Transitar entre territórios e microterritórios requer algumas considerações *a priori*. Na Geografia, o conceito de Território figura, entre outros, como Região, Espaço e Paisagem como recurso teórico-conceitual para a análise da relação entre o homem e o espaço. Para compreendermos as microterritorialidades que ocorrem nos espaços públicos da cidade, precisamos inicialmente entender o que configura o território.

O conceito de território tem sido discutido, por excelência, na Geografia, mas sua discussão tem se estendido a outras áreas, o que a torna ampla e complexa. Por essa razão, não faz parte da nossa intenção esgotá-la neste artigo, pelo contrário, buscamos construir um entendimento de território para pensarmos o conceito de microterritório nas esferas do espaço alternativo. Isto posto, podemos inferir de forma breve que o território apresentou no desenrolar da história do pensamento geográfico diferentes designações, perpassando diferentes contextos históricos, geográficos, antropológicos, filosóficos e ideológicos (FUINI, 2015, p. 1).

Em outras palavras, considerando o contexto contemporâneo, o território como categoria de análise tem potencializado debates na Geografia e cada definição demandará linhas de pesquisa alinhadas a determinadas concepções ideológicas e formas de interpretação da realidade. Dentre elas, indicamos, de forma sucinta: as vertentes descritivas (período pré-científico até o século XIX – descrição de viajantes); tradicional (positivista); nova geografia, até a década de 1960; e a geografia crítica, a partir da década de 1970 (materialista, fenomenológica/nova geografia cultural e radical) (COSTA; ROCHA, 2010, p. 25 e 56).

A princípio, a Geografia Cultural e o interesse dos geógrafos pelos problemas culturais nasceram na mesma época da Geografia Humana, no final do século XIX. Foi com o geógrafo francês Paul Claval que a Geografia Cultural passou por uma renovação na França, após os anos 1980. Claval “estuda as relações entre cultura e a vida social, a transmissão dos conhecimentos e regras de conduta, a relação do indivíduo com a sociedade e também as articulações e relações entre cultura e poder” (COSTA; ROCHA, 2010, p. 38). Seu espaço de pesquisa se abre para a dimensão simbólica, individual e coletiva da cultura.

A Geografia Cultural francesa, vista por esse prisma, se dedica à análise e reflexão sobre a relação entre o espaço imaginário e as representações, o que envolve mediações interdisciplinares entre a Antropologia, Sociologia, Geografia, Filosofia, Artes entre outras.

Dadas essas características da Geografia Cultural praticada por Claval, considera-se que a dimensão simbólica do território “torna-se um dos temas essenciais da geografia, no momento em que se desenvolvem as pesquisas sobre o espaço vivido nos anos de setenta [1970] e oitenta [1980]” (CLAVAL, 2013a, p. 125). Nesse sentido, a ciência geográfica passa a considerar como objeto de estudo o sentimento de pertencimento e os laços afetivos que são vivenciados e estabelecidos com o território. Essas questões ensejariam algumas mudanças no que diz respeito à dimensão territorial, gerando novas percepções e investigações em relação ao espaço.

Sobre a abertura da Geografia aos territórios de pertencimentos, são os tipos de intervenções e leituras artístico-culturais impressas nos espaços urbanos, dentre essas manifestações podemos citar: o grafite, esculturas, dança de rua, músicas, instalações artísticas, performances e etc. Enfim, é possível identificar diversas manifestações artísticas, tanto quanto ao ambiente da cidade.

Joel Bonnemaïson (2002, p. 101-102), que corrobora a perspectiva de Claval, considera a ideia de cultura, traduzida em termos de espaço. A cultura não pode ser separada da ideia de território, pois é pela existência dela que se cria um território e é por ele que se fortalece e exprime a relação simbólica existente entre a cultura e o espaço. Joel Bonnemaïson (2002) faz uma leitura do território enquanto “espaço social” e “espaço cultural”, articulando a função social e simbólica desses espaços com as ações humanas.

Quanto à dimensão cultural, Bonnemaïson (2002) caracteriza o território a partir de uma perspectiva além dos elementos biológicos, econômicos, sociais e políticos. Dessa maneira, o território também se manifesta como lugar da mediação entre os homens e sua

cultura. Essas mediações deixam algumas marcas que podem ser configuradas como “geossímbolos, lugar, itinerário, uma extensão, por motivos religiosos, políticos e culturais, que exerce uma dimensão simbólica e de identidade” (BONNEMAISON, 2002, p. 111). Nesse sentido, esses elementos oferecem um modo de definir a vida, o seu pertencimento e o enraizamento de um determinado grupo social.

Essas articulações evidenciam a ação humana nos lugares de pertencimento, situando e imprimindo a existência humana tanto na perspectiva material quanto na imaterial. Nessas últimas, as relações simbólicas levam os indivíduos ou grupos a compartilharem e refletirem sobre si mesmos e a realidade em que estão inseridos. Essa articulação pode ser evocada para refletirmos sobre a performance de grupos teatrais fora do espaço tracional do teatro. Nesses casos, os grupos de teatro que, além de dialogar com os espaços da cidade, as praças e as ruas, promovem a discussão de problemas sociais e políticos no contexto da realidade em que estão inseridos. Para descrever essa questão, Paul Claval utiliza a metáfora do espelho. Para ele, “os homens concebem seu ambiente como se houvesse um espelho que, refletindo suas imagens, ajuda-os a tomar consciência daquilo que eles partilham” (CLAVAL, 2013a. p. 127).

Assim, considerando o território em seus múltiplos aspectos: políticos, ou político-jurídicos e históricos, referentes à ação do Estado; econômicos, associado à apropriação econômica dos espaços, derivada da divisão territorial do trabalho e da luta de classes; e em termos culturais, identificado com relações simbólicas – individuais ou coletivas – com o espaço, vislumbramos a partir de Haesbaert (2004) pensar o território nas dimensões material e imaterial. Isto posto, o território pode se constituir a partir da concepção de espaço como um híbrido – “híbrido entre sociedade e natureza, entre política, economia e cultura, e entre a materialidade e a ‘idealidade’ – numa complexa interação tempo-espaço.” (HAESBAERT, 2004, p. 27).

O conceito de hibridismo tem alavancado várias discussões na Arte Contemporânea, ampliando as noções de tempo e espaço por meio das linguagens artísticas, como as artes visuais, o teatro, a dança, a música, o cinema e a performance, nos múltiplos territórios da cidade. Essas linguagens têm aproximado e despertado diversos interesses de investigação, estimulando percepções e conhecimentos, como por exemplo na Geografia, com as noções de lugares, espaços, cidade, nas Artes Cênicas, com intervenções nas ruas e praças, na Arquitetura, com aspectos da cenografia, reutilização e ressignificação e etc. Portanto, o território, do ponto de vista subjetivo e cultural numa perspectiva

fenomenológica, possui várias dimensões que, sustentadas por aspectos históricos, identitários e simbólicos, oferece elementos de identificação para nossa reflexão.

Em síntese, a Geografia Cultural e Humana não se nega a materialidade do espaço vivido; pelo contrário: a partir dele, busca investigar e compreender as subjetividades que estão entrelaçadas nesse espaço, tendo em vista que, a partir das manifestações de grupos, sejam eles culturais ou sociais, podem emergir a conformação de microterritorialidades e microterritorialização nesses espaços, como veremos a seguir.

Microterritorialidade e microterritorialização: categorias para se pensar o teatro em espaços alternativos

Para compreendermos o processo de microterritorialidade e microterritorialização nos espaços públicos, consideraremos algumas configurações para ampliar a percepção e a compreensão sobre as relações e as ações humanas que ocorrem nos microespaços, proporcionando-lhes novas funções e significados.

O conceito de microterritorialidade nos remete ao termo “microgeografia”, considerada um campo de estudo que investiga a ocupação humana em espaços públicos, ou seja, “territórios que agregam significados em função da concentração de determinadas atividades humanas.” (REBOUÇAS, 2009, p. 137). Dessa forma, contextualiza aspectos sociais e humanos, revalorizando “os sujeitos não só como determinados pelas estruturas em que se encontram inseridos, mas também como portadores de ações, capazes de tencionar e colocar tais estruturas em movimento” (TURRA NETO, 2013, p. 8).

As ações sociais e culturais se manifestam nos espaços públicos, na vida cotidiana ou nas práticas do dia a dia, como por exemplo habitar a cidade, ocupar as ruas e praças, são consideradas expressões da vida social que merece uma análise geográfica mais ampla. Nesse sentido, acreditamos que esses elementos oferecem possibilidades de estudos mais profundos a respeito das microterritorialidades que emergem desses espaços.

Dessa forma, a microterritorialidade torna-se um espaço de interação humana onde ocorrem a manifestação de subjetividades, as relações sociais e as afetividades. Essa noção possibilita novas descobertas de sistemas de símbolos, imagens e imaginações constituídos entre o ser humano e os espaços. A microterritorialidade é sentida na ação, ou seja, ela é o espaço da ação e pode ser considerada também como espaço de produção de certas sensações por múltiplos estímulos.

Tais espaços de interação humana podem ser pensados também a partir das artes

cênicas. Nesse sentido, o grupo Teatro da Vertigem, por meio de suas intervenções artísticas, tem o objetivo de estimular novas experiências estéticas e relacionais nos espaços escolhidos, potencializando imagens, símbolos e a imaginabilidade do público. Ao proporcionar relações dialógicas entre o lugar- cena-público, é possível que haja a produção de microterritorialidades nesses espaços?

Tanto a microterritorialidade quanto a microterritorialização têm como referência as relações e interações sociais que se estabelecem nos microterritórios da cidade. A microterritorialidade se configura em territorialidades não institucionalizadas, ou seja, não assume vínculos formais. Ela se concretiza a partir de grupos segregados, ou minorias, como por exemplo grupos de movimentos negros, grupos homoafetivos etc. Além disso, a microterritorialização remete à construção de uma micropaisagem que revela o encontro de um conjunto de corpos em um grupo ou agregado social (COSTA, 2013; PEDROSO, 2007). Ambas, tanto a microterritorialização quanto a micropaisagem, vinculam-se mais a espaços de pertencimento e representação do que espaços de controle e podem ser evidenciadas em escalas menores. Tais conceitos serão aprofundados no transcórre desta pesquisa.

Uma outra reflexão a se fazer em relação ao ser humano com os espaços vividos na contemporaneidade é que a microterritorialidade se processa na fluidez de vários agrupamentos nos mais variados lugares da cidade. Por isso, esse conceito permite compreender, por exemplo, movimentos de agrupamentos juvenis, tipos distintos de comportamentos, identidades e conflitos (TURRA NETO, 2004; COSTA, 2013).

A dinâmica das microterritorialidades/microterritorializações que ocorrem nos espaços simbólicos e subjetivos exigem ferramentas metodológicas de análise que abarquem a reconfiguração e a efemeridade na qual se manifestam, como por exemplo, as intervenções artísticas, que podem assumir caráter temporário ou não. Considera-se, neste aspecto, o espaço prático da ação que, por um lado, pode assumir características sociais (o espaço social reproduzido e normatizado pela técnica e pela lei/moral) e características culturais (o espaço cultural da agregação e dos jogos de interação humana informal) (COSTA, 2013). Essa dinâmica pode assumir também configurações de um espaço de identificação e produção onde a convivência entre sujeitos é impulsionada pela imaginação subjetiva. Em outras palavras, a microterritorialidade assume um “espaço da produção de certas sensações por estímulos múltiplos trazidos de fora do que é imediato, guardados na intimidade e concebidos nas experiências pessoais diversas em outras situações, em outras dimensões materiais e imateriais.” (COSTA, 2013, p. 66).

O geógrafo Benhur Pinós da Costa, um dos autores que discutem a noção de microterritórios em relação aos espaços da cidade, enfatiza dois aspectos que ajudam a compreender esse termo. Para Costa, é possível identificar no microterritório os seguintes aspectos: “o caráter de ação individual e coletiva que leva à apropriação de certas partes do espaço produzido/usado por outros sentidos que anteriormente pensado; a dialética contida no teor que dá sentido à própria ação” (COSTA, 2013, p.63).

A partir dessa premissa, algumas práticas microteritoriais que se efetivam nos espaços urbanos, como praças e ruas, possuem movimentos dialéticos que se correlacionam com usos e ocupações de grupos que, no fundo, são movidos por intencionalidades que podem ser aceitas ou não. Um exemplo são os espetáculos teatrais apresentados nas ruas. Eles podem ser acolhidos por uma determinada plateia ou não. Ao mesmo tempo, esse tipo de espetáculo está sujeito a sofrer interferências, alterando tanto o espetáculo em si, quanto a percepção dos espectadores. Isso ocorre pelo fato da rua ou da praça, serem lugares de passagem, ou seja, lugares que se configuram como fluxo cotidiano da cidade.

Carreira (2011, p. 16) pontua que o teatro nas ruas interfere na trama complexa constituída por diversos elementos culturais e pelos procedimentos de circulação cotidiana. O grupo Teatro da Vertigem e as relações dialéticas que se estabelecem com os espaços alternativos também impulsionam outras funções e significados dos lugares selecionados como “palco” para encenação de suas performances. Por essa razão, o lugar do fluxo de pessoas é transformado em lugar de produção simbólica, o que pode gerar microterritorialidades, ressignificando-o. O espaço, depois transformado em lugar, pode ser considerado como elemento simbólico da encenação, abrindo possibilidades de leitura e interpretações. Em outras palavras, permite-nos considerar que um determinado grupo de pessoas estabelecerá relações diferentes das cotidianas, revelando ou criando novos sentidos para esses lugares.

Por isso, para Heidrich (2013), as relações que os grupos mantêm com o seu meio não são somente materiais. Elas são também de ordem simbólica, o que os torna reflexivos. Na microterritorialidade, grupos e agregados sociais, imersos em suas materialidades, relacionam-se com os espaços, alterando a funcionalidade pelas práticas e as próprias condições materiais que esses lugares oferecem.

Turra Neto (2013, p. 10) chama a atenção para o fato de que, mesmo que na perspectiva das microterritorialidades, esteja relacionada com as particularidades ou

singularidades “de interações socioespaciais de grupos e agregados”, não se pode “perder de vista que esses sujeitos sociais se territorializam em um” determinado espaço que é “histórico e social”.

Para compreender as microterritorialidades que se manifestam nos microterritórios é necessário que ocorra a ocupação e a interação entre o sujeito e o espaço, e que, por meio dessas relações, sejam geradas afetividades e sentidos a partir dos elementos simbólicos que emergem desses espaços, impulsionando outros simbolismos. Assim, o tema das microterritorialidades na cidade, nos seus espaços públicos, para Turra Neto (2013), remete à sua funcionalidade e até certo pragmatismo. Nesse sentido, a prática de diversos grupos passa a ser negociada no espaço urbano, criando, territorialidades, o que pode gerar tensões e conflitos nesses territórios. Em outras palavras, as microterritorialidades nas cidades podem ser consideradas como “apropriação e defesa de pequenas porções do espaço urbano por parte de grupos sociais” (TURRA NETO, p. 2013, p. 1). Nesse sentido, podemos destacar desde tribos urbanas que exercem algum tipo de poder e pertencimento em espaços, a grupos de teatro que, ao utilizarem determinados espaços alternativos, criam campos de tensão entre o espaço, a cena e o público. Tais processos, remetem a uma “instigante discussão sobre o conceito de território e microterritório num contexto de despolitização das relações entre diferentes e desiguais nos espaços públicos das cidades contemporâneas” (TURRA NETO, 2013, p. 14).

Podemos complementar a tessitura acima considerando “a complexidade do viver contemporâneo tendo como referência o espaço urbano tomado, ao mesmo tempo, como meio e mediação da vida em sociedade” (TURRA NETO, 2013, p. 14). Mesmo considerando as diferenças recorrentes entre “sujeitos e ações capazes de produzir microterritórios, o ponto em comum está no fato de que existe o reconhecimento de uma identidade agregadora entre os sujeitos, que faz com que estabeleçam relações espaciais que fundam territórios”. (TURRA NETO, 2013, p. 14 e15)

Em síntese, estamos lidando com uma dada configuração espacial que emerge de situações que tanto ocorre em um determinado tempo e lugar, parte de espaços físicos para ali efetivarem práticas territoriais, quanto pode partir dos sujeitos, ou grupos envolvidos, para se territorializarem; ou seja, essas configurações podem ocorrer de diferentes formas dependendo de uma dada prática ou negociação do espaço em processo de territorialização. Por isso, a rua, a praça ou outros lugares constituídos a partir de uma prática social ou cultural específica, podem ser negociados para eventos artísticos-culturais. Nesse caso, é

coerente refletir sobre a cidade e a microterritorialidade com base nos sentidos socioespaciais.

A cidade, com seus múltiplos territórios, tornou-se espaço preenchido por microterritórios. Nesse caso, o espaço se abre para outras possibilidades, usos e ocupações, alterando suas funções. Essas novas formas de lidar com o espaço geográfico possibilita considerar algumas manifestações de grupos que podem transgredir, causando outros deslocamentos e sentidos para esses espaços. A abertura dos espaços urbanos para usos e ocupações, como acontece com grupos teatrais, permite a ocorrência de expressões microterritoriais com um elevado grau de transitoriedade ou efemeridade, enquanto outras práticas, como pichações, por exemplo, se constituem em marcas que permanecem na paisagem por algum tempo e é a partir dessa permanência que a sua lógica territorial é efetivada.

Pelo exposto, verifica-se a importância de se discutir a microterritorialidade no intuito de compreender melhor a relação do ser humano com os espaços na contemporaneidade. Se o grupo Teatro da Vertigem tem como emergência alguns espaços da cidade para intervenção a fim de repensar esses lugares de uso público e institucional, é possível analisar a aproximação que se estabelece entre a prática artística socioespacial com a microterritorialidade urbana. Para compreender as mediações que ocorrem entre as microterritorialidades, a intervenção artística e as relações socioespaciais e simbólicas num processo de ressignificação, articularemos as aproximações do fenômeno teatral com a geografia humanista.

O fenômeno teatral na Geografia Humanista Cultural

A relação entre a Geografia e as múltiplas linguagens artísticas não é somente possível, ela de fato existe. A prática teatral acontece em um determinado tempo e lugar. A abordagem geográfica humanista e cultural contempla em seus estudos o lugar como sítio de experiência humana que se traduz por valores particulares e coletivos. Trata-se de uma visão subjetivista e humana sobre o espaço e o lugar, noções utilizadas para compreender os eventos teatrais nos espaços não convencionais.

Holzer (2008, p. 137) define a geografia humanística como “a ideia de uma disciplina centrada no estudo da ação e imaginação humana e na análise objetiva e subjetiva de seus produtos”. Mello (1990, p. 102) afirma que a geografia humanística tem a experiência vivida como fundamento e o seu objetivo é interpretar o sentimento e o

entendimento dos seres humanos em relação ao espaço e ao lugar. As duas percepções oferecem elementos que possibilitam identificar interferências subjetivas do homem na realidade em que se insere.

Em termos contextuais, a Geografia Humana foi um movimento de renovação da geografia que surgiu nos Estados Unidos e Canadá nos anos 1970 e as mediações que ocorrem entre a geografia e as artes ganharam mais profundidade nas pesquisas também nesse período. O movimento buscava aproximar a geografia das humanidades e o destaque era dado à dimensão experiencial e ao aspecto interpretativo, pois “o lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas, por isso é o centro de valor e sentido para a abordagem humanística” (OLANDA E ALMEIDA, 2008, p.16).

Sob uma perspectiva teórica e metodológica promovida pelo movimento dessa ‘nova geografia’, alguns geógrafos atentaram para a literatura, a história, os estudos culturais, a psicologia e a filosofia para ampliar a compreensão do homem em relação ao seu mundo circundante. Segundo Marandola (2013, p. 50), “nunca a geografia esteve tão aberta a novos temas, tendências, abordagens e ao diálogo interdisciplinar”.

Se um novo movimento de leituras e interpretações surge com a geografia humana, logo, novos acontecimentos, sejam eles sociais, políticos ou culturais, manifestam-se na realidade. Exemplos dessas manifestações foram os eventos teatrais que, no século XX, começaram a ocupar outros espaços da cidade. O teatro agora está nas ruas, nas praças, nos prédios abandonados, nos galpões, igrejas; enfim, rompe com o espaço tradicional preestabelecido e aventura-se nos espaços não convencionais. Nesse sentido, áreas de conhecimento como a Sociologia, Antropologia, Arquitetura e Geografia começaram a investigar a potência do fenômeno teatral nesses espaços, pois perceberam que as Artes e a Literatura oferecem elementos subjetivos e complexos para compreender o espaço sentido, percebido e vivido.

A ciência geográfica atual busca novas formas de apreensão do espaço geográfico, por isso, a visão culturalista se lança a novas perspectivas e desafios em relação aos estudos socioespaciais. Uma dessas perspectivas é a compreensão da realidade a partir da influência da cultura na produção do espaço, assim como a significação da espacialidade vivida. Dessa maneira, pode-se considerar o teatro, como linguagem artística e manifestação cultural, uma das formas de apreender e dialogar com os espaços na contemporaneidade.

Nesse aspecto, tanto a Geografia Humana quanto as Artes Cênicas buscam valorizar as experiências subjetivas de grupos sociais em lugares determinados para aquele

uso e, ao mesmo tempo, lugares que se abrem para outras possibilidades. Um exemplo é a igreja, considerada um templo, mas que pode servir de suporte para experimentação artística sem perder sua finalidade primeira, como acontece nas montagens do Teatro da Vertigem. Por isso, Gomes (1996, p.314) ressalta que, na corrente humanística, “a arte é considerada como o elemento de mediação entre a vida e o universo das representações”.

Em outros termos, a Geografia Humana, tendo a fenomenologia como base, busca analisar e compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares (CHRISTOFOLETTI, 1982). Por se tratar de mundos subjetivos, a intuição e a percepção são elementos importantes no processo do conhecimento para a abordagem fenomenológica. Por essa razão, a fenomenologia busca compreender o espaço vivido inspirado na subjetividade, trazendo significados e valores construídos pelos indivíduos por meio das práticas sociais num determinado espaço e lugar.

As noções de espaço e lugar surgem, portanto, como conceitos-chave na Geografia Humana. O lugar é aquele em que o indivíduo se encontra ambientado, ao qual está integrado. O lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquele que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas (CAVALCANTI, 1998). Segundo Tuan, “os lugares, assim como os objetos, são núcleos de valor, e só podem ser totalmente apreendidos através de uma experiência total englobando relações íntimas, próprias do residente, e relações externas próprias do turista”. (TUAN, 1974, p. 40). Na perspectiva humanista, o indivíduo estabelece uma relação afetiva e de pertencimento com espaço geográfico.

O indivíduo estabelece vínculos com os lugares em razão de seu sentimento de identificação: ele se identifica na cidade onde mora, no bairro, nas ruas. Segundo Tuan (1983), “o lugar é a segurança e o espaço é liberdade, estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro” (TUAN, 1983, p. 11). Nesse sentido, Marandola (2012), ao comentar a obra do autor, afirma que o lugar é uma das ideias geográficas mais importantes atualmente. O lugar dialoga com outras ciências, como a Filosofia, a Literatura, entre outras. Vale ressaltar que a discussão sobre lugar é relativamente nova. Tuan (1983) lança sua obra “Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente” no ano de 1980. Para esse autor, a noção filosófica de lugar fez com que seu sentido fosse pensado a partir das sensações do sensível. Enfim, a Geografia Humana o entende como centro de significados configurados pelo indivíduo. (MARANDOLA, 2013, p. XIV). “É pelo lugar que nos identificamos, ou nos lembramos, constituindo assim a base de nossa

experiência no mundo” (MARANDOLA, 2013, p. 228).

É possível compreender o lugar, vinculado à discussão territorial, por intermédio do viés culturalista e fenomenológico dos espaços cotidianos de vivência e de percepção. Buttimer (1982) associa o conceito de lugar ao de mundo vivido, aos espaços de identificação social e territorial. A noção de lugar, por vezes confundido com *territorialidade*, expressa os fundamentos orgânicos, cognitivos, afetivos e simbólicos designativos associados às experiências do homem com o meio, experiências estas criadoras de significados e mediadas por símbolos.

O lugar é aquele em que o indivíduo se encontra, se faz, se constrói, ou seja, ele se historiza em um determinado tempo e lugar. Por isso, o espaço no mundo contemporâneo não é mais analisado como uma categoria fixa, mas como um *devenir* que emite significados e determina um ser e um fazer por meio de ações e interferências do próprio homem por um determinado período de tempo.

Buttimer (1982) associa o conceito de lugar, conforme vimos anteriormente, ao de mundo vivido, aos espaços de identificação social e territorial. Pode-se dizer que os lugares estão diretamente ligados às experiências do ser humano. O espaço social por exemplo, está relacionado tanto com o espaço objetivo quanto subjetivo. Nesse sentido, a Arte, a Literatura, a Poesia, a Música e o Teatro, como expressão e representação do ser humano, oferecem possibilidades de dialogar e interpretar a realidade que o indivíduo se encontra.

O homem organiza o mundo em função de suas necessidades e interesses, que vão desde a sua sobrevivência e curiosidade, até os interesses estéticos e lúdicos. Moreira (2007, p. 41) afirma que “o espaço surge na história através da organização territorial dada pelo homem à relação com seu meio”. Dessa forma, pensando o espaço como fenômeno complexo a ser estudado, é necessário percebê-lo como manifestação de sentidos e estruturas que situam o homem como ser-no-mundo.

Por essa razão, o espaço no teatro contemporâneo é o centro de experiências demasiado numerosas para ser reduzido a algumas características. Toda dramaturgia, e mesmo todo espetáculo, é objeto de uma análise espacial e de um reexame de seu funcionamento. O espaço não é mais concebido como concha em cujo interior certos arranjos são permitidos, mas como elemento dinâmico de toda concepção dramaturgical. “O espaço deixa de ser um problema de invólucro para tornar-se o lugar visível da fabricação e da manifestação de sentido” (PAVIS, 1999, p. 135).

Em relação ao espaço e ao lugar, Tuan (1983) sinaliza que o significado de espaço

frequentemente se funde com o de lugar. Para ele, o “espaço” é mais abstrato do que “lugar”. O que, por exemplo, pode começar como espaço indiferenciado, pode transformar-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. “Se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar” (TUAN, 1983, p. 6). Assim, o espaço, pode ser compreendido e caracterizado como algo aberto e fechado, profundo e superficial. É a experiência da subjetividade que lhe confere um ou vários sentidos.

Quando nos referimos a um lugar, somos sempre objetivos, já que tratamos especificamente de um ponto determinado no espaço. E, mesmo se esse lugar possuir diferentes conotações simbólicas, não estará isento de uma caracterização concreta e objetiva. Michel de Certeau (1994) afirma que um lugar é a ordem segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Para ele, “um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade”. (CERTEAU, 1994, p.201).

Assim, quando tratamos do fenômeno teatral, apreendido como linguagem autônoma, devemos lembrar que o fazer teatral estabelece relações com o espaço que ultrapassam os limites de lugares específicos. Como afirma Peter Brook (2000, p. 309 e 310), “o teatro não é apenas um lugar, ele é uma metáfora”. Porém, essa linguagem artística busca dialogar direta ou indiretamente com a realidade humana e social. Ou seja, para o dramaturgo, o teatro exerce um poder de encantamento e aproximação das pessoas, pois, quando grupos de pessoas se reúnem em torno de algum evento espetacular, existe um reagrupamento em torno daquele lugar, e dali pode emergir vários tipos de sentimento e sensações tanto individuais, quanto coletiva.

A partir dessa metáfora, somos convidados a pensar sobre o espaço urbano, como ele pode afetar as intervenções teatrais e como essas são afetadas por ele. Nesse caso, é necessário estabelecer interações com os lugares, momentos de “pausa” que permitam ao espectador dialogar com as ações desenvolvidas neles. Esses lugares ancoram e recriam os espaços cênicos de um mesmo espetáculo, contendo as mais diversas arquiteturas teatrais.

A arquitetura teatral compreende o espaço organizado e vivido por todos os agentes envolvidos na encenação, como, por exemplo, os atores e o público. Para Gontijo (2009), o fenômeno teatral só terá sentido se houver o domínio dessa arquitetura. Para o autor, “o maior desafio, na escolha desses lugares, é apurar o olhar para a diversidade de

espaços de uma cidade”. (GONTIJO, 2009, p.48). Cada vez mais, grupos teatrais tem se pautado em processos de criação artística em espaços alternativos, desenvolvendo e estimulando novas linguagens e experiências poéticas em espaços urbanos, como ruas, praças, casas, edifícios etc. O dramaturgo e encenador Evill Rebouças (2009), reforça essa ideia.

No trabalho de apropriação do espaço – e levando em consideração a sua arquitetura, a sua atmosfera e as pessoas que o circundam – conseguimos projetar novas possibilidades para as personagens. Interferências do campo tátil, olfativo e da própria geografia do espaço colaboram para a ampliação do discurso. (REBOUÇAS, 2009, p. 58).

A busca por estéticas, sejam materiais e/ou simbólicas, de novos espaços e lugares para as intervenções teatrais, tem permitido repensar os lugares para práticas teatrais. Podemos até pensar o espaço do teatro como um território ilimitado e que apresenta potencial de construção de identidades, histórias e simbolismos. Mas, afinal, em que essas práticas afetam os lugares?

Michel de Certeau (1994) percebe nos lugares uma forte relação com as histórias. Para o autor, os lugares são histórias fragmentadas, mas que a qualquer momento podem ser desveladas, ou seja, histórias que estão ali à espera e “permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim, simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo” (CERTEAU, 1994, p. 189). Certeau vê no lugar, qualquer que seja ele, a ordem segundo a qual elementos são distribuídos em relações de coexistência. Define o lugar como uma “configuração instantânea de posições” (CERTEAU, 1994, p. 201). Equivale a dizer que, “num mesmo lugar, podem coexistir elementos distintos e singulares, sem dúvida, mas sobre os quais não se proíbe pensar nem as relações nem a identidade partilhada que lhes confere a ocupação do lugar comum” (AUGÉ, 2012, p.53)

A apropriação de espaços e lugares que a cidade oferece por grupos de teatro e artistas muitas vezes tem a intenção não apenas de dialogar com a arquitetura ou com a geografia do lugar, mas de estabelecer uma relação afetiva, de deslocamento, de provocação e alteração a partir das histórias que podem ser impressas. Os espaços alternativos, para o teatro, podem ser um espaço em potencial, pois, qualquer lugar pode vir a ser um lugar-cênico.

O espaço escolhido pode oferecer significados, experiências e imagens diversificadas e até contraditórias, podendo levar o espectador a tarefa de se desdobrar por impressões recebidas ou já preestabelecidas. “Cada cidadão tem vastas associações com

alguma parte de sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados.” (LYNCH, 1997, p. 1). Nesse sentido, as intervenções teatrais nos espaços não convencionais urbanos podem ampliar a percepção e a imaginação dos cidadãos, alterando a sua maneira de sentir os lugares. Logo, a cidade pode ser vista como fonte inesgotável de inspiração para artistas que buscam novas maneiras de dialogar, por meio de suas criações artísticas, com os espaços da cidade.

Enfim, o fazer teatral na contemporaneidade amplia um leque de possibilidades que aproximam o homem dos seus espaços sem eliminar os lugares institucionalizados. Mas, essa aproximação revela outros lugares, que se abrem para novas leituras, interpretações e funções. Espaços que redefinem o indivíduo contemporâneo em sua articulação com os territórios estabelecidos na cidade. Nesse sentido, a mediação entre o teatro e os estudos territoriais tem ainda muito a dizer sobre o ser humano e o meio no qual ele está inserido, promovendo não somente uma discussão, assim como implica repensar o ser no mundo a partir da plasticidade territorial e do drama.

Considerações finais

Investigar a fronteira entre dois campos de conhecimento aparentemente tão distintos – Estudos Territoriais e Artes Cênicas – constitui uma tarefa desafiadora e ao mesmo tempo prazerosa. Afinal, ambas as áreas, apesar de possuírem campos específicos de análise, permitem acessar elementos que auxiliam a refletir sobre a relação do homem com os espaços na contemporaneidade.

O espaço na contemporaneidade não tem sido analisado como uma categoria fixa. Hoje, os lugares ou espaços, com suas respectivas representações simbólicas, abrem-se a outras possibilidades de investigação e experimentação. Nesse sentido, o espaço, mais especificamente o espaço alternativo, passa a ser concebido como dinâmico, aberto, capaz de potencializar outros significados, linguagens, sentidos e funções, como acontece com as performances do Teatro da Vertigem, especialmente na Trilogia Bíblica *O Paraíso Perdido, O Livro de Jó, Apocalipse 1,11*.

Diante das reflexões que tangem a resignificação dos espaços alternativos e a produção de microterritorialidades na cena urbana, podemos perceber que a realização das encenações em espaços impregnados de significados simbólicos, de historicidade e memória, propicia uma substancial interferência na percepção do público em relação ao espetáculo. Nesse sentido, o espaço passa a desempenhar um papel importante dentro do

espetáculo a ponto de revelar diferenciações que não se enquadram apenas em valores estéticos, mas também em valores humanos e sociais.

Os espaços alternativos utilizados para várias experiências teatrais, por artistas e performers, continuam fascinando e causando estranhamento ao público. Além disso, alimentam a busca de vários grupos de teatro contemporâneo por novas descobertas e desvelamentos de espaços da cidade, afinal, o teatro, enquanto potência da arte dramática, pode significar e ressignificar as tramas da cidade.

Para melhor compreender o fenômeno teatral no tecido urbano da cidade, a perspectiva interdisciplinar cumpre um papel fundamental, pois, a partir dessa perspectiva, várias áreas são convidadas a dialogar, aproximando diferentes níveis de complexidade e subjetividade que emanam dessas manifestações.

Assim, podemos considerar que a intervenção teatral, apesar de sua natureza temporária em espaços alternativos, pode gerar microterritorialidades. Inclusive, essa temática abre possibilidades de trabalhos futuros. Afinal, outras questões emergem sobre quais marcas, memórias e sentidos ficam impressos depois que ocorrem as encenações nesses lugares.

Enfim, a arte teatral na contemporaneidade amplia um leque de possibilidades que aproximam o homem dos seus espaços sem eliminar os lugares institucionalizados, como no palco italiano. Mas, essa aproximação revela outros lugares, que se abrem para novas leituras, interpretações e funções. Espaços que redefinem o indivíduo contemporâneo em sua articulação com os territórios estabelecidos na cidade. Em síntese, a mediação entre o teatro e os estudos territoriais tem ainda muito a dizer sobre o ser humano e o meio no qual ele está inserido, promovendo não somente uma discussão, assim como implica repensar o ser no mundo a partir da plasticidade territorial e do drama, numa aproximação dialógica entre Gaia e Dionísio.

Referências

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução Maria Lúcia Pereira. 9ª edição. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em Torno do Território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). **Geografia Cultural**: um Século (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83-131

BROOK, Peter. **Fios do tempo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BUTTNER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982, 165-193.

CARREIRA, André. Sobre um ator para um teatro que invade a cidade. **Moringa Artes do Espetáculo**, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 13-25, jul-dez, 2011.

CAVALCANTE, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. Campinas: Papirus. 1998.

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano**. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CLAVAL, Paul. O território na transição da pós-modernidade. In: ALMEIDA, M. G; ARRAES, T. A. (Orgs.). **É geografia é Paul Claval**. Goiânia: FUNAPE, 2013. p.122-143.

COSTA, Benhur Pinós da. Microterritorialidades: uma relação entre objetividade do espaço, cultura e ação intuitiva do sujeito. In: HEIDRICH, Alvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino (Orgs.). **Maneiras de ler Geografia e Cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013, p. 62-74.

COSTA, Fábio Rodrigues da; ROCHA, Márcio Mendes. **Geografia: conceitos e paradigmas - apontamentos preliminares**. 2010. Disponível em: <http://www.nemo.uem.br/artigos/geografia_conceitos_e_paradigmas_fabio_costa_marcio_rocha.pdf>. Acesso em: 11 de Mar. 2018.

FORTES, Clarissa Corrêa. **Interdisciplinaridade: origem, conceito e valor**. 2012. Disponível em: <http://www.pos.ajes.edu.br/arquivos/referencial_20120517101727.pdf>. Acesso em: 11 de Mar. 2018. F. 130

FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas Ciências Sociais. **Revista do Centro de Educação e Letras**, Foz do Iguaçu, v. 10, n. 1. p. 43-44, 2008.

FUINI, Lucas Labigalini. O conceito de território em transição: marcos epistemológicos de um debate na geografia brasileira. 11. 2015. XI Encontro Nacional da Angepe. Unesp Rio. **Anais do XI – ENANPEGE**. 2015. Disponível em: <<http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/24/674.pdf>>. Acesso em: 11 de Mar. 2018.

GOMES, Paulo C. da C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GONTIJO, João Marcos Machado. **Grupo galpão: a arquitetura teatral e o lugar na construção do espaço cênico**. 2009. 122f. Dissertação (Mestrado). Departamento de Artes da Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

HAESBAERT, Rogério. **Dos Múltiplos territórios à multiterritorialização**. Porto Alegre: UFRGS/ULBRA/AGB, 2004.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Compartilhamento e microterritorialidades do espaço social metropolitano. **Revista Cidades**, Porto Alegre, v. 10, n.17, p. 77-106, 2013.

HOLZER, W. Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, Edição Comemorativa, p. 137-147, 2008.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1988.

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 11 v. 03, p. 100-124, mês maio/julho. Ano 2019.

ISSN: 1984-1647

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na Geografia contemporânea. **Geograficidade**. V. 3, n. 2, p. 49-64, Inverno de 2013.

MELLO, João Baptista Ferreira. Geografia Humanística: A perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. **Revista Brasileira de geografia**. Rio de Janeiro, v. 52 n. 4, p. 91-114, out/dez, 1990.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**. São Paulo, Contexto, 2007.

NESTROVSKI, Arthur. **Teatro da Vertigem Trilogia Bíblica**. São Paulo: Publifolha, 2002.

OLANDA, Diva Aparecida Machado; ALMEIDA, Maria Geralda. A geografia e a literatura: uma reflexão. **Geosul**, Florianópolis, v. 23, n. 46, p. 8, jul./dez. 2008.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PEDROSO, Luciano F. **O espaço cotidiano dos agregados sociais da praça da alfândega em Porto Alegre/RS**. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS.

REBOUÇAS, Evill. **A Dramaturgia e a encenação no espaço não convencional**. São Paulo: Unesp, 2009.

SEAMON, David. Corpo-sujeito, rotinas espaço-temporais e danças-do-lugar. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 5, Inverno 2013.

SOUZA, Gilson M. **Intervenções teatrais nos espaços alternativos e a produção de microterritorialidades na cena urbana**. 131 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Integrada do Território). Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares, 2018.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1974.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

TURRA NETO, Nécio. Microterritorialidades nas cidades: uma introdução à temática. **Cidades, Revista Científica**, São Paulo, v. 10, n.17, p. 7-17, 2013.

Sobre os autores – Informações coletadas do Lattes em 2019-05-21

Patrícia Falco Genovez

Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (2003) e pós-doutorado em Teoria e Metodologia da História pela Universidade Federal de Minas Gerais (2016), Mestra em História pela Universidade Federal Fluminense (1996). Graduação em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1993). Professora titular da Universidade Vale do Rio Doce.

Gilson Magno de Souza

Mestre em Gestão Integrada do Território (GIT) Univale GV- Mestrado Interdisciplinar. Especialista em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto- UFOP. Licenciado em Teatro pela Universidade de Brasília. Graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná- PUC . Professor de Filosofia, Antropologia e Religião, Artes Cênicas no Centro Universitário do Leste de Minas Gerais- Unileste/MG. Professor de Filosofia da Arte no ITEOFIC- Instituto Teológico e Filosófico de Caratinga. Professor coordenador do projeto de *Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 11 v. 03, p. 100-124, mês maio/julho. Ano 2019.*

ISSN: 1984-1647

extensão Teatro Universitário, no Centro Universitário do Leste de Minas Gerais- Unileste/MG. Professor de Filosofia e Sociologia no colégio Nossa Senhora do Carmo- Colégio Angélica.

Como citar esse artigo

GENOVEZ, P. F; SOUZA, G. M. de. Aproximações entre Gaia e Dionísio: os estudos territoriais numa abordagem interdisciplinar. In: **Revista Geografia em Atos** (GeoAtos online), v. 04, n. 11, p. 100-124, maio/julho, 2019.

DOI: 10.35416/geoatos.v04i11.6332

Recebido em: 2019-02-25
Devolvido para correção em: 2019-05-15
Aceito em: 2019-05-21